



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

A EXPRESSÃO CORPORAL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA QUEIMADA E DO BASQUETE: O RELATO DA EXPERIÊNCIA DOS JOGOS UNIVERSITÁRIOS 2010 DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA DA FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF, IBIRITÉ/MG

**Cláudia Maria Costa Coimbra<sup>1</sup>**

**Rosinei das Dores Silva<sup>1</sup>**

**Renata de Oliveira Santos<sup>1</sup>**

**Tatiane Barbosa da Cruz<sup>1</sup>**

**Priscila Augusta Ferreira Campos<sup>2</sup>**

*No contexto das práticas corporais há uma construção social sobre o corpo e seu modo de agir. O estudo tem por objetivo analisar a expressão corporal dos sujeitos envolvidos nas práticas corporais, especificamente na queimada e no basquete, durante os Jogos Universitários 2010, realizado no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, localizado na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, MG. Observamos que os corpos comportavam de forma diferente em ambos os jogos. Na queimada, de forma lúdica, aproveitando a brincadeira. No basquete eram corpos sérios e estereotipados pela modalidade. Observamos também que questões de gênero permeavam o comportamento desses corpos.*

O corpo é algo produzido na e pela cultura. Com isso, desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. De acordo com Goellner (2010, p.28), “o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc”.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Educação Física, pelo Instituto de Educação Superior Anísio Teixeira, da Fundação Helena Antipoff.

<sup>2</sup> Docente do curso de Educação Física, do Instituto de Educação Superior Anísio Teixeira, da Fundação Helena Antipoff.

Partindo desse entendimento sobre o que é o corpo decidimos analisá-lo levando em consideração no que o corpo se entrega, ao que de fato é ou aquilo que de fato o escreveu, pois segundo Basei (2008, p.1) “as práticas corporais são as formas pelo qual os corpos expressam desejos, necessidades, emoções, conflitos e, por que não, um pertencimento e identificação a um determinado grupo social e sua cultura identitária”.

No contexto das práticas corporais, essa construção sobre o corpo também está presente. Entendemos práticas corporais como atividade física desde a caminhada, perpassando os jogos e brincadeiras até chegar ao esporte. De acordo com Bracht (2006), é importante que se trabalhe com um sentido lato das manifestações esportivas, assim, “fazer esporte ou ser esportivo pode ser alcançado realizando práticas corporais como a musculação, andar de skate [...], nadar ou simplesmente correr num bosque” (BRACHT, 2006, p.37). Assim dividimos as práticas corporais como sendo esportizadas ou não esportizadas.

Durante nossa observação dos Jogos Universitários 2010<sup>3</sup> do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff, evento que teve por objetivo promover a integração entre os estudantes de todos os cursos de ensino superior da instituição<sup>4</sup> e proporcionar a diversidade das práticas corporais abrangendo o futsal, queimada, basquete, peteca, jogos de tabuleiros, tênis de mesa, voleibol e handebol. Nesse evento, o que nos chamou a atenção foi o comportamento dos corpos perante as disputas nessas praticas corporais esportizadas e não esportizadas.

As modalidades escolhidas para observação e análise foram: queimada e basquete. A escolha pela queimada se deu por ser uma prática corporal não esportizada, ou seja, um jogo cujas regras são criadas e resignificadas pelos sujeitos que influenciam e deixam ser influenciados pelo contexto onde estão inseridos. Já o basquete, prática corporal esportizada, embora seja um “esporte” não é tão vinculado pelo discurso midiático brasileiro. Mesmo assim, os sujeitos participantes dessa prática não estão ausentes dessa influência, seja no vestuário, nos gestos, nos costumes, na corporeidade, o que influencia no seu comportamento e nas adaptações das regras.

Dentro da conceituação do corpo, nos chamou a atenção o comportamento dos mesmos perante as disputas das práticas corporais anteriormente citadas esportizadas ou não esportizadas, pois ao iniciarmos esse trabalho, percebemos as múltiplas possibilidades de compreensão sobre o nosso objeto de pesquisa, o corpo.

Segundo Gabrielli (2007, p.111),

[...] o corpo constitui um objeto de estudo rico, multifacetado e dinâmico. Estudá-lo implica tomar contato com uma plêiade de recortes epistemológicos, bem como os enfoques diversos relativos à temática e a campos de saber.

---

<sup>3</sup> A realização dos Jogos Universitários 2010 do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff foi uma construção coletiva dos alunos do curso de educação física do 5º período, durante as aulas de eventos escolares, como parte do conteúdo da disciplina.

<sup>4</sup> O ensino superior do ISEAT/FHA é constituído pelos cursos de ciências biológicas, educação física, letras, matemática e pedagogia.

Durante a pesquisa, optamos por essas práticas devido a suas especificidades, características dadas a ela pelo grupo que a construiu no momento da redação do regulamento da competição. Esse instrumento conferia a possibilidade de equipes mistas tanto para a queimada quanto para o basquete. Assim, as equipes eram compostas por sujeitos do sexo masculino e feminino, o que conferiu outra configuração para o contexto e para a queimada e o basquete em si.

Sendo assim, o estudo tem por objetivo analisar a expressão corporal dos sujeitos envolvidos nas práticas corporais, especificamente na queimada e no basquete, durante os Jogos Universitários 2010, realizado no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT) localizado na Fundação Helena Antipoff (FHA), na cidade de Ibirité, Minas Gerais.

Consideramos importante verificar o comportamento destes corpos, pois compreendemos que os mesmos se expressam a partir de uma identidade, que vai influenciar e ser influenciada através de ações e do perfil de cada sujeito para a adesão ou a recusa da prática corporal. Uma vez que conseguirmos compreender estes corpos, entenderemos de onde eles nos falam. De acordo com Gabrielli (2007), o corpo pode ser entendido como texto de cultura, pois a identidade cultural, e as reconfigurações identitárias de um indivíduo estão escritas no corpo e se expressam por meio de gestos, danças, vestimentas, músculos, próteses, etc. Trata-se de uma compreensão do corpo humano como resultado de muitos elementos que conformam a cultura e que, portanto, extrapola os âmbitos físico-biológico, psicológico e sócio-antropológico.

Para a realização dessa pesquisa, tivemos como sujeitos alunos/as do sexo feminino e masculino do ensino superior, estudantes dos cursos de Educação Física e Pedagogia do ISEAT/ FHA. Selecionamos duas equipes que participaram de confronto direto, durante os Jogos Universitários 2010 do ISEAT/ FHA tendo estas equipes formação mista, faixa etária e níveis de habilidade variados.

### ***Sobre a queimada***

Ao observarmos o jogo de queimada, o que mais nos chamou a atenção foi a forma física de seus/suas integrantes, que na sua grande maioria estavam fora dos padrões de rendimento corporal estabelecido pelo discurso midiático contemporâneo: eram corpos baixos, obesos, magros e sem resistência, porém eram corpos lúdicos, ou seja, corpos que se permitem apenas a brincar/participar de maneira única e que se apresentavam ao jogo de maneira festiva, representando o ato de brincar.

Segundo Prado (2006, p. 1),

a construção da educação corporal e esportiva, pelo e para o lúdico, deve respeitar a diversidade e a legitimidade dos desejos [...] e a necessidade de um esforço para o corpo aprender como melhor usufruir a essência lúdica de cada atividade e comportamento desejados.

Verifica-se que determinadas concepções teóricas compreendem o corpo sendo constituído por “saberes domesticados, fundamentados na biologia moderna, sem considerar as subjetividades do ser humano nem as práticas culturais em que valores e

significados são atribuídos por meio da experiência, abrangendo permanências e rupturas” (ROSA, 2003, p.123).

A construção da educação corporal e esportiva, pelo e para o lúdico, deve respeitar a diversidade e a legitimidade dos desejos (muitos deles são induzidos pela cultura de massa) e a necessidade de um esforço para o corpo aprender como melhor usufruir a essência lúdica de cada atividade e comportamentos desejados (PRADO, 2006).

Entendemos que, pelo fato da queimada ser classificada como jogo e não como esporte, os sujeitos nela inseridos apresentaram atitudes diferentes das identificadas nos esportes, possuindo corpos mais soltos e não institucionalizados.

Os corpos agiam de forma a desconsiderar as competições dos Jogos Universitários 2010, e apesar da disputa estar presente na torcida e no local onde os jogos foram realizados, comportavam-se como uma brincadeira do final de semana.

Outros fatos também nos levaram às reflexões, dessa vez, em torno do gênero, já que as hierarquias de gênero estavam presentes. Os alunos do sexo masculino trocavam bolas entre eles do cruza<sup>5</sup> para o campo, mas na hora de queimar o sexo feminino era o alvo. Ao mesmo tempo, as próprias alunas cediam a sua vez de arremessar a bola para que um aluno pudesse fazê-lo. Estas ações, a nosso ver, eram intencionais e repletas de preconceitos, entre eles os que dizem respeito a falta de habilidade e força associada a figura feminina.

Por fim, outro fator interessante, foi que, pelo fato da queimada não ser um esporte e nem um jogo espetacularizado pela mídia, não possui regras universais, havendo várias intenções de burlá-las. Outra possível consideração parte da cultura corporal de movimento, onde determinado jogo é criado por determinados sujeitos, então possui regras diferentes e que só fazem sentido para o grupo que a criou, promovendo um movimento cultural.

### ***Sobre o basquete***

Os corpos que se apresentaram durante os jogos possuíam habilidades específicas e essenciais para a prática do basquete: saudáveis, estatura mediana a alta, habilidosos e ágeis. A partir desta apropriação, os sujeitos diziam ao outro, a partir de si mesmo, quem podia e quem não podia jogar, tendo como referência os padrões do alto rendimento. Assim, os integrantes participavam de forma competitiva, onde a bola na grande parte do tempo permanecia nas mãos dos ditos *bons*, retirando a intenção de diversão do jogo. Eram corpos sérios.

Percebeu-se que a vivência do lúdico não estava tão presente nessa modalidade. Pareciam corpos preparados para o trabalho e não para o prazer. Verificou-se a extrema valorização do talento e das habilidades individuais em detrimento da diversão proporcionada pelo jogo.

---

<sup>5</sup> Local de permanência dos integrantes queimados. É demarcado a partir do final do campo do adversário.

Embora pouco divulgado pela mídia brasileira, o basquete é um esporte e como tal tem regras universais, bem como uma identidade motora própria, o que traduz na execução perfeita dos gestos técnicos. Por mais que os/as participantes não sejam exímios jogadores/as, a representação está incorporada.

Observamos também que no basquete o sexo feminino muitas vezes era desconsiderado como jogador e considerado apenas como *a menina* que completava o time.

Acredita-se que esta desconsideração do sexo feminino no basquete vem do histórico da participação tensa do ser feminino na trajetória esportiva, onde a identificação deste corpo sempre esteve mais voltada para o jogo ou ginástica enquanto o corpo masculino esteve voltado para o esporte.

Fazendo uma pequena cronologia da educação física e da prática esportiva para as mulheres no Brasil, Knijnik (2003) retrata que, no seu início, a educação física brasileira estava voltada à vida militar, como consequência, foi negada ou restrita às mulheres. Mais adiante, a ginástica foi inserida como conteúdo escolar obrigatório a ambos os sexos, entretanto os objetivos, a periodicidade e o tipo de prática variavam conforme o sexo. Posteriormente, houve a inserção dos esportes como conteúdo da educação física brasileira. Entretanto, os destinados às mulheres eram os menos violentos e compatíveis com a delicadeza do organismo das (futuras) mães.

Ainda de acordo com Knijnik (2003, p.60),

há uma clara diferenciação entre a ginástica para mulheres e esporte para mulheres. A atividade física da ginástica parece ser aceita e necessária às mulheres. [...] entretanto é no esporte como campo de predominância masculina com objetivos de vitória, rendimento e sucesso social que as dificuldades aparecem

### ***Considerações finais***

Percebeu-se através destas observações que os corpos se apresentam nas práticas corporais a partir de uma identidade individual e coletiva, pois segundo Gabrielli (2007) os corpos de atletas apresentam um multiculturalismo nas mensagens midiáticas que tematizam o esporte. Estes corpos são espetaculares, glamorosos e que seguem um padrão, muito diferente dos que encontramos fora do alto rendimento, nas escolas e instituições de ensino e que podemos observar no grupo estudado.

Esses corpos, que são tidos na sua grande maioria como referencial para os demais corpos, escondem problemas de ordens sociais que, no olhar de quem não tem este padrão corporal, pode servir como referencial de superação das debilidades físicas e socioculturais, mas este mesmo corpo pode causar desmotivação, caso quem o tenha como referencial não consiga alcançar o mesmo padrão.

Observou-se que há diferença na expressão corporal dos sujeitos nas duas práticas analisadas, podendo haver ou não um seguimento mais rígido das regras e do regulamento de cada modalidade. Isso pode ser verificado através do jogo da queimada e do basquete. No primeiro, os corpos apresentavam uma leveza, um espírito lúdico e uma desobediência aos padrões estabelecidos e, no outro, os corpos se comportaram de forma oposta.

Por fim, a relação de gênero dentro destes contextos chamou-nos a atenção. Como dito, pelo fato das práticas corporais que compõem as aulas de Educação Física serem diferenciadas para homens e mulheres fez com que estas não se familiarizassem tanto com o esporte como o são com os jogos. Somado a isso, há toda uma construção sócio-cultural do que é ser homem e mulher dentro de uma sociedade. Interessante completar que esta construção é reproduzida não só por homens, mas também por mulheres que, no momento da análise do adversário, sempre a indicavam como o sexo *frágil*.

Assim, verificamos que a produção do corpo se opera tanto no individual quanto no coletivo. Questões de ordem histórica, social, política, moral estão presentes na constituição dos sujeitos e manifestam-se durante todos os episódios do cotidiano. Com isso, esse corpo único compartilha semelhanças com outros corpos produzidos no mesmo tempo e espaço.

### **Referências**

- BASEI, Andréia P. As práticas corporais na cultura escolar: a estrutura do contexto e a construção de significados. *Revista Digital*, Buenos Aires, n. 121, junho, 2008.
- BRACHT, Valter. Sociologia do esporte e educação física escolar. In: REZER, Ricardo (org.). *O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos*. Chapecó: Argos, 2006. p.33-43.
- GABRIELLI, Lourdes; Hoff, Tânia. O corpo nas imagens midiáticas que tematizam o esporte. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 14, dez, 2007.
- GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p.28-40.
- KNIJNIK, Jorge D. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- PRADO, Antônio C. M. O Corpo Lúdico Versus Globalização no Esporte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.20, Suplemento n.5, p.197-9, set. 2006.
- ROSA, Maria Cristina. Corpo e cultura. In: ISAYAMA, Helder F.; WERNECK, Christianne L. G. (orgs.). *Lazer, Recreação e Educação Física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.115-144.